

## Adolescência é Transgressão

José Carlos Soares de Escobar  
Psiquiatra, Psicanalista,  
Diretor Clínico do Instituto RAID

“Não há crime perfeito”. A sugestiva frase, saída dos clássicos de suspense, propõe que, nos atos criminosos, inevitavelmente haverá uma falha em sua execução. Necessariamente, o criminoso oferecerá um indício, uma pista que terminará por denunciá-lo. Diante do noticiário, parece-nos verdadeira a afirmação, pois as evidências de alguns atos criminosos surgem, em tal abundância, denotando tal primarismo, que, se não se tratar de desastrados e atabalhoados transgressores, caminharemos no sentido de um estático e inconsciente sentimento de culpa determinante de erros acusadores, que, a exemplo do luto patológico ou na dinâmica auto-agressiva dos melancólicos, busca uma punição.

Há pouco mais de um ano, a comissão de ética do Senado Federal acusou dois senadores da república pela violação do resultado secreto de suas votações. Aos senadores transgressores não bastou o ato de violação de um segredo. Por diversas vezes, comentaram com ares de proeza o seu feito. Reiteradas vezes o narraram a seus pares e à imprensa sem que nada ocorresse.

Por fim, não satisfeito, um dos senadores voluntariamente assume perante a um representante da lei, um promotor de justiça, possuir um documento probatório de sua façanha, de seu ilícito, do seu ato transgressor. E assim, só assim, e ainda à custa de muita polêmica, esse fato provoca uma reação de rechaço e censura.

Procurava, na ficção, um relato que me servisse de introdução e exemplo ao tema que pretendo abordar no presente trabalho, quando me chega, saído da realidade do noticiário, o que estava procurando. Difícil exemplo melhor.

Diante desses fatos, surge a pergunta: Por que se auto denunciaram? Por que a insistência em dizer a todos: “Olhem o que fiz!” ou “Vejam meu delito!”?

Considerando os personagens envolvidos nos fatos dessa natureza e em outros congêneres, é custoso pensar em sentimentos de culpa ou mesmo impulsos autopunitivos. Dessa forma, somos instados a pensar que um outro motivo levaria o transgressor à própria denúncia. Um motivo que se encerrasse no próprio ato transgressor. Ou seja, a assertiva de que o ato não será completo até seu descobrimento; que a transgressão por si só é o objetivo e que o ataque à lei só será pleno, se declarado. Só com a evidência do ato seria realizado o triunfo sobre o objeto atacado. Não o objeto concreto, vitimado, porém, **o objeto detentor da lei**.

Dessa forma, uma outra leitura sobre o gesto que culmina com a autodenúncia, revela-o, não como um erro, ou descuido, ou mesmo culpa, e sim como **um**

**elemento próprio da transgressão.** A reação decorrente da lei ferida dá existência e sentido ao ato, pois só haverá transgressão quando testemunhada, sentida e acusada pelo representante da lei.

E assim, contrariando o clássico enunciado, podemos afirmar, existe sim o crime perfeito, é aquele posto às claras, e descoberto.

Na adolescência, a transgressão não é diferente; porém, assume uma característica que lhe é própria. Assume, na adolescência, um objetivo mais amplo que o simples ataque à lei. Assume uma dimensão essencial no processo de individuação e fechamento da infância, formando, junto a outros elementos, a mola que impulsiona a criança no sentido da realização do adulto, evidenciando e preservando o que lhe é peculiar.

Aquele que detém a lei, apontando e reagindo ao ataque, distancia-se e realça as diferenças entre si e o agressor. Em outras palavras, reconhece o agressor com lugar e função diferente da sua. A não-reação, inversamente, é infantilizante, não reconhecendo o indivíduo com sua potencialidade. É a negação de um espaço diferenciado para o adolescente no mundo adulto.

A definição oficial que trata de adolescentes que transgridem uma lei do estado é a de “menores em conflito com a lei”. De imediato, surge-nos a questão se essa não seria uma definição da própria adolescência. Qual não traz em si um conflito com uma lei. Ou melhor dizendo, qual adolescência não é transgressora? Transgressora no sentido de ultrapassar um limite marcador da infância com seu universo de valores identificados e misturados com o universo dos pais? Nesse objetivo, essa transgressão não deve necessariamente assumir o tom da criminalidade ou da delinqüência, mas o de embate, de oposição. Oposição à palavra do pai, seja num confronto de idéias, de valores, estilos, atitudes etc.. Mas que proporcione reação e distinção.

Partimos, nesse relato, de dois pressupostos:

- **Primeiro**, que a transgressão é um fenômeno constituinte, definidor e necessário da adolescência, como um movimento de avanço no processo vital, **independente da cronologia**, possuindo uma característica necessária na direção de sua individualização.

- **Segundo**, que esse processo só é pleno quando a transgressão vem à tona, ganha a superfície e mostra-se plena à vista de todos em forma de um discurso a espera de interlocução.

A transgressão é o instrumento que propicia a diferenciação. Deve ser entendida como uma linguagem da adolescência, uma linguagem que coloca o adolescente num lugar singular, diferente, distanciando-o da imagem especular dos pais. Deve ser entendida como uma pergunta insistente.

Com seu gesto, o adolescente não está perguntando, “**quem sou eu?**” e sim, “**o que não é ele?**” (O pai). Pergunta que se repetirá e que terá a intensidade

de sua gravidade na dependência de uma resposta. Da banalidade de uma escolha exótica até a delinquência. Que poderá ir do simples experimentar fumar escondido, no banheiro da escola, até o extremo sadismo de atear fogo a um mendigo. Variações em qualidade e intensidade que apontam em várias direções, algumas bastante criativas e estruturantes como no exemplo a seguir.

**Piet Mondrian**, reconhecido pintor holandês da primeira metade do século vinte, escreveu:

“A humanidade se desenvolve constantemente em direção à liberdade. Cada vez mais o mundo toma consciência de que a unidade deve ser criada, como na arte. Pelo estabelecimento de formas e relações mútuas mais puras.”... “ Mas, enquanto poderes tirânicos procurarem criar uma falsa unidade por meio da força, não será possível uma ordem mundial melhor. A humanidade , assim como a arte , necessita de Liberdade.” Mondrian rebela-se com sua arte contra um poder opressor totalizante, e em seu enfrentamento termina por produzir um dos mais interessantes estilos da arte contemporânea.

Observando sua história, evidencia-se não cedo esse movimento teve início.

Nascido no interior da Holanda. Tinha quatro irmãos e uma irmã , todos com vocação para o desenho, herança de seu pai ,um severo professor calvinista, de quem Mondrian, além da facilidade para desenhar, herdou também o nome. Mais tarde, de forma semelhante, conquista o diploma de professor.

Durante alguns anos, Mondrian trabalhou como desenhista, até que, em 1892, contrariando seu pai que afirmava: “não ser a pintura uma profissão”, matricula-se na escola de Belas-Artes e dedica-se à pintura, tirando dela o seu sustento.

No campo da espiritualidade, afasta-se do rigor protestante e envolve-se com a literatura teosófica de Mme Blavatsky, à qual irá dedicar-se por toda vida e que terá grande influência na sua arte. Muda-se para Paris, modifica sua aparência e propositadamente, no intuito de afastar-se de sua identidade holandesa, retira uma das letras “a” de seu nome, que de Mândria-an passa a Mondriân.

Durante a 2ª Guerra Mundial, muda-se para a Inglaterra e, finalmente, para Nova York , onde vem a falecer em 1944. Não sem antes ter reconhecido, através de grande sucesso, todo seu talento e importância na arte moderna.

Esses movimentos de ruptura, lentos, alguns sutis e outros chocantes, foram determinantes no desenvolvimento de sua pintura. Processo reconhecido pela crítica de sua época e pelo próprio Mondrian que, dessa forma, se refere a sua produção anterior. Diz ele: “O meio em que vivia obrigava-me a pintar objetos de aspecto vulgar, e até mesmo, de vez em quando, a executar retratos à semelhança do modelo. Esse o motivo do por que, para mim, muitos desses trabalhos não têm valor de permanência.”

Ao trazer o exemplo de Mondrian para esse relato tento clarificar o movimento de ruptura que ocorre naturalmente e que traz um resultado criativo. Ruptura

necessária ao afastamento de um universo para a existência plena em outro, novo, original e integrado.

A transgressão deve ser entendida como uma confrontação com a palavra paterna, não necessariamente uma contravenção social. Uma oposição que provoque o contraste.

**“Ser o não ser, eis a questão”**. Nessa poesia intitulada de “erro de tipografia”, de Franklim Dassie, configura-se uma possibilidade de existência. E, em não sendo o “ser” (ou o pai), imigra de um mundo para o outro, por vezes não tão “admirável mundo novo”, onde não houve a escolha, porém a possibilidade.

Mondrian contraria as orientações de seu pai sobre sua profissão de pintor, redefine sua religiosidade, muda os padrões estéticos e conceituais da arte em voga e por fim rompe com o universo de sua infância, mudando seu próprio nome, tornando-o diferente na grafia do de seu pai e de sua origem holandesa. Mondrian transgride, rompe a linha delimitadora do antigo universo e, assim, fazendo-o, desvia sua rota para um curso próprio e original que irá colocá-lo entre os mais importantes artistas contemporâneos.

Em Sófocles, Édipo, rei de Tebas, pede uma resposta ao seu ato. Édipo, sem a denúncia, é um “personagem rei”, reina sobre uma farsa, aprisionado em um lugar que não lhe pertence. Sua história está submersa. Édipo, dolorosamente, busca a si mesmo e à verdade. A mesma que lhe cobra a execração do incesto, arranca-lhe a visão, porém, eleva-o à condição de indivíduo, recuperando sua história.

O adolescente, de forma solitária e penosa, na evidência de sua transgressão, procura uma mudança no tipo de relação que se estabelece com as figuras representativas da autoridade. Nesse sentido, falamos em uma mudança na função paterna que, de objeto modelo passará a objeto referência. Imagino o adolescente como um navegador solitário, que tem como único destino partir pelo imperativo de partir. Pela impossibilidade de ficar. Partir, por não se conter mais em sua terra continente, sob o risco da eterna infantilização. E que, para essa empreitada, necessita de instrumentos confiáveis. Instrumentos e mapas que o levem numa navegação segura, rumo ao desconhecido, sem o risco de encalhes, desvios importantes na rota, ou naufrágios.

A consistência das relações na infância e a integridade das figuras parentais de autoridade nesse período é que irão municiá-lo e orientá-lo na conseqüente perda desse continente. Refiro-me à integridade não no sentido moral, porém no sentido de consistência íntegra, de solidez, de objetos que se mostraram por inteiro, identificáveis com suas contradições, fraquezas e mazelas. Que não traíram e não burlaram e, principalmente, não se furtaram ao embate e ao seu amor. A princípio, como modelo para identificações, e, aos poucos, à medida que são deixados permitem serem transformados em referências críveis para um afastamento gradual de seu território de influências.

Porém, não é sem um significativo gasto de energia que se pode partir de um sistema para outro. Analogamente às navegações, quando se faziam necessários grandes investimentos para a partida das expedições em busca de mundos novos, podemos afirmar que a partida do mundo infantil solicita um preço. Preço este que será sempre elevado. Em alguns casos, exorbitante, e, em outros, absolutamente impagável. Um preço que sempre será cobrado ao adolescente, na maioria das vezes junto com seus pais e, em uma parte considerável, junto a todo um grupo familiar ou mesmo social.

Os conflitos provocados poderão envolver afetos os mais diversos, disputas de poder, intolerância, autoritarismo e crises de autoridade, sentimentos de inveja, desconfiança, porém, sempre implicarão em perdas.

Causa estranheza e revolta aos pais a saída do nada, de um estranho desafiador no lugar de sua criança. No entanto, a relação hostil e ambígua que se estabelece, é que irá conferir a esse estranho o status de um novo indivíduo com lugar e direito a sua originalidade, distante daquela plasmada do caldo indiferenciado desses pais.

Finalmente, o êxito favorável à existência desse novo adulto residirá na possibilidade da existência, no outro lado, de uma função paterna que, parafraseando Winnicott, se mantenha no nível da suficiência. Que não se abstenha da força de seu poder, que não se deixe anular e que, por outro lado não o exerça de forma extrema que venha produzir o aniquilamento do adolescente em seu movimento criativo.

FIM.